

Como Elaborar um Relato de Pesquisa¹

Hartmut Günther²

Resumo

O objetivo deste capítulo é oferecer subsídios para que os achados de uma pesquisa sejam transformados em um relato de pesquisa e, assim, possam tornar-se públicos. Tratarei, inicialmente, da estrutura lógica de um relato de pesquisa, em seguida, falarei dos elementos de um manuscrito, visando a sua submissão a uma revista científica. Concluirei com considerações práticas de formatação de textos científicos.

Como elaborar um relato de pesquisa

Nas ciências, pesquisar e publicar são as duas faces de uma mesma moeda; uma não se sustenta sem a outra. Assim, cabe lembrar que publicar uma pesquisa quer dizer “torná-la pública”, isto é, se uma pesquisa não for publicada, não contribuirá para o avanço do conhecimento de uma área. Ou seja, a pesquisa *sequer existirá* aos olhos da ciência. Esta interdependência entre pesquisar e publicar parte da concepção de um processo cíclico da ciência: (1) partindo de pergunta a ser pesquisada, procura-se, na literatura relevante, resultados já existentes sobre o tema de interesse; (2) apoiado por conhecimentos já existentes, desenvolve-se pesquisa que contribua para elucidar a pergunta; (3) os resultados propostos a esta pergunta são publicados e entram no corpo do conhecimento, e (4) desta maneira, contribuem para apoiar uma próxima fase na construção do conhecimento, seja produzida por você ou por outro pesquisador.

O objetivo deste capítulo é oferecer subsídios para que os achados de uma pesquisa sejam transformados em um relato de pesquisa e, assim, possam tornar-se públicos. Tratarei, inicialmente, da estrutura lógica de um relato de pesquisa, em seguida, falarei dos elementos de um manuscrito visando a sua submissão a uma revista científica. Concluirei com considerações práticas de formatação de textos científicos.

A Estrutura Lógica de um Relato de Pesquisa

Neste capítulo, o termo *relato de pesquisa* está sendo utilizado genericamente para incluir desde trabalhos em nível de graduação até teses de doutorado e publicações (artigos) em revistas especializadas. Embora este capítulo tenha sido concebido a partir de pesquisa com dados empíricos, isto é, com dados coletados pelo pesquisador, a estrutura lógica aqui apresentada aplica-se, igualmente, a trabalhos fundamentados em dados secundários, ou seja, dados previamente coletados e disponíveis, como, por exemplo, dados estatísticos publicados

¹ Trabalho a ser publicado como capítulo do livro *Manual do Especialista em Psicologia do Trânsito*, editado por Fábio de Cristo (Editora Vetor).

² Hartmut Günther é professor titular no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, onde leciona Psicologia Social, Psicologia Ambiental, Planejamento de Pesquisa, coordena o Laboratório de Psicologia Ambiental e realiza pesquisa sobre qualidade de vida urbana. A elaboração deste trabalho teve apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

pelos Departamentos de Trânsito (Detrans) ou por bancos de dados disponíveis para pesquisa no Departamento Nacional de Trânsito (Denatran). *Empírico*, portanto, refere-se a qualquer trabalho que colecciona, sistematiza, analisa, avalia e sumariza dados, sejam estes coletados pelo autor, sejam estes secundários ou, ainda, sejam revisões sistemáticas de literatura, isto é, análises críticas de trabalhos empíricos previamente publicados em periódicos científicos e/ou meta-análises qualitativas destes publicações (vide, por exemplo, Cordeiro et al., 2007).

A Estrutura de um Relato de Pesquisa

Transformar um conjunto de informações obtidas numa pesquisa implica em organizar ideias e dados. Portanto, qualquer relato consiste de quatro partes essenciais, dentro das quais o autor deve responder às seguintes perguntas:

Na *introdução* – qual o problema estudado?

No *método* – como o problema foi estudado?

Nos *resultados* – o que foi encontrado?

Na *discussão* – qual o significado do resultado?

Se você não encontrar, num relato de pesquisa, respostas a essas quatro perguntas, organizadas em quatro partes bem delimitadas, é muito provável que tal relato não lhe traga qualquer benefício, como será explicitado a seguir. As quatro partes podem até ter outros nomes em vez de introdução, método, resultados e discussão, contudo, é necessário que o trabalho trate destes quatro aspectos e responda a essas perguntas. Estas afirmações merecem alguns detalhamentos.

Introdução. Dificilmente consegue-se organizar ideias e dados sem ter formulado o problema a ser estudado. Tanto uma pesquisa que visa, de maneira indutiva, levantar subsídios para a construção de teorias, quanto uma pesquisa que objetiva, de maneira dedutiva, investigar perguntas e/ou testar hipóteses, precisam este ponto de partida explícito: ‘qual o problema a ser estudado’?

Método. Independente dos objetivos de sua pesquisa, sempre, de uma forma ou de outra, estão sendo utilizados métodos e técnicas para responder à pergunta formulada na primeira seção, na introdução. Independentemente das especificidades de uma determinada pesquisa, o detalhamento na descrição do método e/ou da técnica tem dois objetivos: a compreensão dos passos realizados durante o processo da investigação e possibilitar uma eventual réplica da pesquisa. Quanto à *compreensão*, sem especificar o que aconteceu, o leitor não poderá avaliar a maneira como se chegou aos resultados. Quanto a uma eventual *réplica*, cabe observar que somente no contexto de experimentos realizados em condições muito bem controladas, é concebível chegar a uma replicação do experimento. Quanto mais uma pesquisa é realizada em condições reais, mais difícil se torna sua replicação (Kish, 1987). Os detalhamentos na seção método sustentam a qualidade dos resultados de uma pesquisa e, assim, possibilitam discussão coerente e conclusão confiável - razão suficiente para mostrar rigor nesta seção.

Resultados. Algo foi encontrado. A falta de um resultado é um resultado, portanto merece ser relatado. Como foi observado no início deste capítulo, para que uma pesquisa exista, de fato, o resultado, seja qual for, precisa ser tornado público. Mesmo se o encontrado não corresponde ao esperado, tal resultado pode ser publicado, havendo, às vezes, até mais interesse científico do que mais uma confirmação daquilo que “já se sabia”. Por exemplo, em

casos onde determinadas perguntas ficam sistematicamente sem respostas pelos participantes seria errôneo pensar que a pesquisa simplesmente “não deu certo”. Antes pelo contrário, pode apontar que o tema estudado é tão polêmico, ou tão banal, que os respondentes deixaram de responder; ou, então a forma de abordar o respondente provocou reatância ao ponto de o mesmo se esquivar. Assim, do ponto de vista do método, tal resultado aponta que a “falta de uma resposta é uma resposta”, portanto constitui um resultado que deve ser explorado e reconhecido. Daí a importância do método, para avaliar o que possa ter acontecido. Uma redação confusa dos resultados ou, ainda, uma mescla de resultados com interpretação ou discussão (por exemplo, incluindo até referenciais teóricos) é uma indicação certa para o leitor atento de que o autor não tinha (e continua não tendo) clareza do objetivo da sua pesquisa, não encontrou o que esperava, ou simplesmente não sabia o que fazer com os resultados.

Discussão. Nesta parte, os resultados – sejam quais forem – são interpretados diante da literatura, isto é, dos conhecimentos prévios apresentados na introdução. Insistimos na necessidade de manter *separadas* a seção de resultados e a seção de interpretação de resultados (discussão), vez que o leitor acompanha mais facilmente até que ponto as perguntas da pesquisa foram, ou não, respondidas, antes das interpretações e as justificativas do autor. Voltarei ao “como” realizar uma discussão e chegar às conclusões ao fim da próxima seção – *dialética do relato de pesquisa*.

Por que a Separação entre Resultados e Discussão? Ao mesmo tempo que em pesquisas de natureza quantitativa existe pouco questionamento da necessidade desta separação, encontra-se em pesquisas de natureza qualitativa maior tendência para mesclar resultados e discussão. Diferenciar entre **d**iscussão e **D**iscussão pode elucidar esta controvérsia.

Quanto a **d**iscussão (com d minúsculo), cabe observar que ao apresentar resultados, especialmente quantitativos em forma de tabelas e/ou de estatísticas, há de se evitar qualificações fora de uma eventual verbalização de um valor estatístico. O *significado* do resultado, as suas *implicações* serão consideradas numa seção a parte, na **D**iscussão (com d maiúsculo). Em caso de pesquisas qualitativas, as razões para chegar a determinados categorias e interpretações de dados verbais (ou invés de numéricos) via de regra precisam de explicações ainda no contexto da apresentação destes resultados, isto é, uma **d**iscussão, inclusive com eventual referência à literatura, às interpretações alternativas, etc.

Quanto à **D**iscussão (com d maiúsculo), cabe observar que estas explicações via de regra não se fazem necessárias, já que a maneira como se chegou a um determinado instrumento já foi “resolvida” anteriormente, seja quando o mesmo foi desenvolvido, seja quando se optou por um, ao invés de outro. Desta maneira, é suficiente discutir os resultados numa seção a parte, isto é na **D**iscussão, inclusive eventuais divergências por causa de aspectos do método.

Resumidamente, insisto na diferenciação entre resultados e **D**iscussão, sendo que, quando existe a necessidade de realizar uma **d**iscussão ainda na seção de resultados, esta seja claramente explicitada, além de voltar para uma **D**iscussão ‘global’ após conclusão da apresentação do resultados.

A Relação entre as Partes do Relato de Pesquisa

O *método* é a espinha dorsal do relato da pesquisa e descreve como o problema foi estudado. Ao afirmar que a parte do *método* constitui a espinha dorsal de um trabalho significa enfatizar que o(s) método(s) usado(s) numa determinada pesquisa e/são **consequência(s)** das perguntas a serem respondidas e sustentam a compreensão dos resultados.

Os três elementos anteriores ao método (ao lado esquerdo na Figura 1) fazem parte da introdução - isto é, objetivo geral, revisão da literatura e perguntas/hipóteses – e têm seus correspondentes nos três elementos posteriores ao método (ao lado direito na Figura 1), isto é, nos resultados, na discussão e, nela incluída, a conclusão). Explicitando as sete colunas da Figura 1:

Na primeira coluna consta o *objetivo geral*. Nesta primeira parte de um trabalho apresenta-se o contexto do tema que está sendo investigado. Prepara o terreno para a revisão de literatura e encaminha a atenção do leitor para as perguntas e/ou hipóteses específicas a serem formuladas na terceira coluna. As idéias apresentadas aqui serão retomadas nas *conclusões*, conforme colocado na descrição da sétima coluna.

Na segunda coluna consta a *revisão da literatura*. É nesta parte do trabalho que o autor apresenta e avalia o que já se sabe sobre o assunto. À página X voltarei a falar sobre a mecânica de como organizar uma revisão da literatura. A revisão tanto leva o autor e o leitor às hipótese / perguntas, quanto é essencial para *discussão*, conforme colocado na descrição da sexta coluna.

INTRODUÇÃO		MÉTODO	RESULTADOS	DISCUSSÃO		
Objetivo Geral	←-----→				Conclusão	
	Revisão da literatura	←-----→		Discussão		
		Perguntas / Hipóteses	←-----→	Resultados		
			Método			

Na terceira coluna apresenta-se as *perguntas / hipóteses* a serem respondidas na pesquisa. Por meio da revisão de literatura, o objetivo da pesquisa é delimitado e definido em termos de *perguntas e/ou hipóteses* suficientemente específicas para que se possa conduzir a pesquisa. Cada uma das perguntas e/ou hipóteses deve receber uma resposta, apresentada na parte de *resultados*, conforme colocado na descrição da quinta coluna. É de suma importância notar que, à medida que são elencadas perguntas e/ou hipótese ao final da *introdução*, existe uma organização que permite uma organização correspondente na seção de *resultados*, já que cada pergunta e/ou hipótese deve receber uma resposta.

Na quarta coluna consta o *método*, cuja importância como espinha dorsal do trabalho e do relato já foi mencionada acima.

Como demonstrado na Figura 1, o conteúdo da coluna 1, *objetivo geral*, tem o seu contraponto no conteúdo da coluna 7, *conclusão*, porquanto o trabalho começa com uma

observação geral da problemática em pauta, e conclui com uma observação sobre a maneira como o trabalho, ora apresentado, contribui para um eventual resolução da mesma.

O conteúdo da coluna 6, *discussão*, baseando-se nos resultados, tem seu contraponto no conteúdo da coluna 2, *revisão de literatura*. Finalmente, as hipóteses / perguntas (coluna 3) têm o seu contraponto – uma a uma – nas respostas que constituem os resultados (coluna 5).

A Dialética entre as Partes do Relato de Pesquisa

No início do capítulo, falei do processo cíclico da ciência. A seguir, considera-se a dialética implícita neste processo para qualquer relato de pesquisa. Neste contexto, dialética é concebido como um processo para (a) constatar algo e o denomina de *tese*, (b) contrapor algo, novo e/ou diferente, denominado *antítese* e (c) fusionar / mesclar tese e antítese, denominado *síntese*. Subsequentemente, este resultado, esta síntese, vira tese num próximo passo de investigação

Desta maneira, aplicado a um relato de pesquisa, podemos conceber o conhecimento existente acerca de um dado assunto, tal qual reunido na *revisão de literatura* como a *tese* do trabalho. Os *resultados* de uma pesquisa constituem, assim, a *antítese*. Cabe salientar, que os achados de uma pesquisa não necessariamente contradizem aquilo que constitui a *tese*. Na *discussão*, os *resultados* são confrontados, discutidos e integrados ao corpo de conhecimento apresentado na *revisão de literatura*, isto é, *tese* e *antítese* são mescladas para formar a *síntese*. Esta *síntese*, por sua vez, ao tornar-se parte do corpo de conhecimento, da literatura sobre o tema em apreço, torna-se parte da *tese* de uma próxima pesquisa, fechando, assim, o ciclo da pesquisa.

Dica. Como, então discutir os resultados, fusionar / mesclar os achados de uma pesquisa com o que é conhecido até o início desta pesquisa? Se cada pergunta / hipótese da pesquisa for ancorada em alguma parte da revisão de literatura e recebeu uma resposta apresentada nos resultados, o processo de fusionar / mesclar resultados e literatura será direto. Cabe discutir as razões contribuem para o grau de concordância ou discordância entre o que consta na literatura e nos achados da pesquisa. Percebe-se, então, que quanto mais as perguntas / hipóteses de uma pesquisa são ancoradas na literatura, tanto mais responde-se às perguntas – isto é, verbaliza-se o encontrado – e torna mais fácil o início da discussão.

As Partes de um Relato de Pesquisa

Ao apresentar as partes de um relato de pesquisa, parto da tradição de um manuscrito elaborado em forma de papel. Embora hoje em dia, cada vez mais revistas científicas se valham de um processo eletrônico que, inclusive, dispensa um manuscrito na forma de papel, vale a pena ter todas as partes de uma manuscrito reunidas no formato genérico apresentado a seguir, para, assim, poder preparar uma versão em papel e/ou, por meio de ‘corte – cola’ transferir as partes do manuscrito para a interface da revista. De qualquer modo, será importante verificar as especificações de cada revista, para atender às particularidades em termos de formatação.

As partes de um manuscrito incluem, nesta ordem: (1) folha de rosto, (2) resumo, (3) introdução, (4), método, (5) resultados, (6) discussão, (7) conclusão, (8) referências, (9) notas de rodapé e (10) anexos e serão tratados a seguir.

Dica. Enquanto as seções (2), (4) à (10) devem ser identificadas com os respectivos termos como título, isto geralmente não é necessário no caso da seção (3), a “introdução”, já que há de se supor que um trabalho começa com uma introdução, tornando-se óbvio e redundante explicitá-la como título na primeira página. O manual da APA indica o uso do título do trabalho como título na introdução.

Folha de Rosto

Na folha de rosto, devem constar, além do título do trabalho, os nomes completos de todos os autores, a sua afiliação institucional e o ano da conclusão do trabalho. Caso a afiliação institucional tenha mudada no decorrer da realização da pesquisa, isto deve ser observado na folha de rosto.

Título. O elemento mais impactante de um trabalho é o seu título. De um lado, não deve ser genérico / amplo demais (e.g., “Ajuda e Gênero”). Por outro lado, quando o título se estende a uma segunda linha, ou, até a uma terceira, há razão para repensá-lo. O manual da APA recomenda 10 a 12 palavras para o título. Geralmente, começa-se uma pesquisa com um título provisório que sumariza, de uma forma ou de outra, a pergunta do trabalho, o rumo, o método. Na medida que o trabalho progride, este título sofre modificações. O título final do trabalho deve “enunciar o tópico principal de modo sucinto e identificar as variáveis reais ou as questões teóricas investigadas e o relacionamento entre elas” (APA, 2001b, p. 35).

Além de aspectos formais como o tamanho e a necessidade de ser autoexplicativo, há de se lembrar que o título constitui a primeira “isca” para atrair o interesse de um potencial leitor da obra e, desta maneira, influencia diretamente na probabilidade do relato destacar-se entre o número cada vez maior de trabalhos científicos que passam pelo crivo dos colegas pesquisadores. E, somente quando o trabalho se destaca, pelo título, pelo autor, pela afiliação do autor, existe uma real chance do relato ser, de fato, lido.

Autor. Para o autor de correspondência deve constar endereço, e-mail e telefone para que o editor saiba a quem e como se dirigir no decorrer do processo de consideração do trabalho. Especialmente quando o processo de recepção e processamento de um artigo ainda passa por meios de papel, a maioria das revistas requer duas folhas de rosto: uma com as informações acima mencionada e um título abreviado a constar, junto com a paginação, do cabeçalho de cada página. Na segunda folha de rosto deve constar somente o título completo e o título abreviado. Outras particularidades variam de periódico a periódico, curso a curso, professor a professor.

Estabelecer a autoria múltipla de um trabalho, isto é, quem dele deve constar e em que ordem, é um dos problemas mais complicados da academia. O manual da APA afirma “autoria é reservada para pessoas que fazem uma contribuição substancial para e aceitam responsabilidade para um obra publicada” (APA, 2010, p. 18). Costumes variam de área para subárea, especialmente no que quer dizer contribuição substancial e importância relativa. Para evitar aborrecimentos posteriores definem-se questões de autoria no início de um estudo. Redefine-se isto, de maneira explícita, toda vez que um membro entra e/ou sai do grupo de trabalho.

Nota do Autor. O terceiro elemento na folha de rosto consiste da informação do(s) autor(es) com a dados sobre o contexto dentro do qual o trabalho foi realizado, por exemplo se o trabalho se baseia em uma dissertação de mestrado realizada sob orientação de quem e onde; instituição, ano, agradecimentos às pessoas que ajudaram com acesso aos participantes, e/ou a instituição que permitiu que os dados fossem coletados. Cuidado, entretanto, para não

agradecer, nominalmente, a uma instituição nesta nota e dentro do texto indicar “instituição não identificado para preservar o sigilo”.

Resumo

Se o título é a primeira “isca” para que um trabalho seja considerado para uma eventual leitura, o resumo é o segundo passo para “fisgar” o leitor. O resumo constitui a versão abreviada do trabalho inteiro. As exigências formais mudam conforme periódico e finalidades. Todavia, é viável iniciar a preparação de qualquer resumo escrevendo uma frase sobre cada uma das quatro seções principais do trabalho (introdução, método, resultados, discussão). À medida que os parâmetros formais (e.g., número de palavras) permitem acrescentar mais informação, acrescentam-se uma segunda ou, até, uma terceira frase sobre cada seção. Dado que as quatro seções do trabalho devem responder, de modo específico e apropriado, às quatro perguntas da página 3 acima, no resumo se faz o mesmo, em espaço menor. Deve constar algo sobre o objetivo e/ou a pergunta central do trabalho e a abordagem teórica. Quanto ao método, deve constar algo sobre participantes, instrumentos e procedimentos. Os principais resultados devem ser resumidos. Quanto à discussão, importa que se mostre o significado dos resultados ante a literatura da área e/ou para uma eventual aplicação. Mesmo se um dado veículo de comunicação permita, convém restringir-se a um máximo de uma página.

Ao sugerir que um bom título constitui a primeira ‘isca’ para incentivar um leitor a ler a obra, um resumo bem feito certamente será a segunda. O resumo, às vezes, pode ser a única parte lida do trabalho, chegando-se ao ponto *indesejável* de citar obras como um todo, tendo-se lido apenas o resumo. Considerando que esse hábito irresponsável foge do controle do autor, resta-lhe assegurar que, pelo menos, o resumo permita inferências apropriadas.

Dica. Se o resumo, em espaço duplo, ocupa mais de uma página, provavelmente é grande demais e deve ser cortado.

Introdução

A introdução de um relato de pesquisa normalmente contém cinco partes: (1) objetivo geral, (2) revisão da literatura, (3) objetivo mais específico, (4) definição de termos e variáveis, (5) pergunta(s) de pesquisa e/ou hipótese(s), sendo que já tratei dos itens (1), (2) e (5) no contexto da estrutura lógica de um trabalho acima.

Objetivo geral. Estabelece-se ligação com trabalhos anteriores (especialmente teóricos) ou com o mundo real, em caso de trabalhos mais aplicados. À parte o título do trabalho, a formulação do objetivo geral orienta o leitor sobre o rumo do trabalho, capturando (ou não) sua atenção. Especialmente em um artigo científico, o objetivo geral geralmente não excede um a dois parágrafos.

Revisão da literatura. Uma vez apresentado o objetivo geral, isto é, indicado o rumo do trabalho, o pesquisador precisa considerar os estudos anteriores do tópico e preparar uma revisão da literatura. Quanto à organização da mesma, esta pode ser cronológica ou organizada por teorias relacionadas ao tema, por uma variável relevante ou por um elemento que ajude o autor a levar o leitor às perguntas que precisam ser feitas face às lacunas existentes na literatura. Antes de tudo, uma boa revisão é um exercício de organizar idéias. Além do mais, pode seguir uma lógica dialética, apresentar em forma de tese e de antítese duas vertentes (teorias, dados, tipos de sujeitos) dentro da questão. O objetivo mais específico e as perguntas e hipóteses oriundas da revisão iriam constituir, então, a síntese.

Existem várias maneiras de se referir a trabalhos publicados. Dentro da área da psicologia e outras áreas de estudos sociais, o método “autor, ano”, conforme sistematização da *American Psychological Association* (APA, 2010, p. 174), é o mais utilizado. Na primeira frase da introdução do manual está dito que “regras para a preparação de manuscritos devem contribuir para uma comunicação clara” (APA, 2001a, p. xxiii).

No parágrafo anterior, as duas versões do método “autor-ano” foram usadas. No primeiro exemplo, fez-se referência a uma idéia, indicando entre parênteses sua origem. Em seguida, fez-se citação textual, entre aspas, seguida do informe adicional da página onde está localizada a citação. A regra global de comunicação clara com citações no texto permite que já nele se reconheçam fonte (autores) e época (ano) da afirmação, método bem mais claro que notas de rodapé ou remessas às notas no fim do texto, do capítulo ou do livro. Entretanto, faz-se necessário consultar as normas da revista para a qual se pretende enviar um artigo para formatar as referências de maneira apropriada.

Objetivo (mais) específico. Uma das funções da revisão da literatura é verificar o que já foi publicado sobre um dado assunto, para, assim, evitar que seja repetido algum estudo com/sem êxito. Desta maneira, a revisão da literatura serve para transformar o objetivo geral em algo mais específico e manejável.

Definição de termos e variáveis. Para poder transformar os objetivos específicos em perguntas e/ou hipóteses de pesquisa, pode ser necessário definir termos e delimitar variáveis. A delimitação das variáveis implica que se especifiquem os fenômenos de interesse do estudo e como serão apurados, medidos.

Formulação de perguntas e/ou de hipóteses. O passo mais importante para tornar uma proposta (intenção) de pesquisa em trabalho realizável é a transformação do(s) objetivo(s) do trabalho em pergunta(s) de pesquisa. Quanto mais claras as perguntas formuladas, mais fácil conduzir a pesquisa nas fases subsequentes. Sem formular perguntas não existe razão para prosseguir. Caso apropriado, as perguntas de pesquisa são reformuladas em hipóteses formais. A transformação de perguntas em hipóteses depende da natureza e do escopo da pesquisa. Se a mesma for exploratório e/ou visar chegar a teorias ou modelos, provavelmente concentra-se em responder a perguntas. Se, por outro lado, visa testar até que ponto uma teoria ou modelo se aplica para elucidar um conjunto de dados, provavelmente será possível testar hipóteses formais (cf., Günther, 2006).

Essencialmente, há dois tipos de hipótese oriundas de perguntas. Uma tenta verificar diferenças entre grupos de pessoas (unidades de análise), a outra visa estabelecer relações entre os atributos das unidades de análise. A lógica para testar hipóteses passa pela formulação de uma hipótese nula (H_0) que afirma a *inexistência* do que interessa ao pesquisador: ‘não existe uma diferença entre grupo A e grupo B’, ou então ‘não existe uma relação entre os atributos A e B’. Formula-se uma hipótese alternativa (H_a ou H_1), correspondente a H_0 , que afirma a *existência* daquilo que interessa ao pesquisador: ‘existe uma diferença entre grupo A e grupo B’, ou então ‘existe uma relação entre os atributos A e B’. Para maiores detalhes, vide, por exemplo, Günther e Damásio (aceito).

Método

Antes de tudo, cabe esclarecer a diferença entre *método* e *metodologia*. Método refere-se a “processos e um sistema de análise usado na investigação científica de maneira geral ou em um

projeto de pesquisa específico” (VandenBos, 2007, p. 574), enquanto metodologia refere-se à “ciência do método ou arranjos ordeiros, especificamente à uma área da lógica que trata das aplicações de princípios de inquérito científico ou filosófico” (*idem*, p. 576

Desta maneira, esta segunda seção de um relato de pesquisa, na qual se apresenta como o problema foi tratado chama-se **método**. Enquanto um jornalista, ao descrever um acontecimento, deve relatar sobre (a) quem, (b) o quê, (c) quando, (d) onde, (e) como, e (f) porque, o manual de publicação da *American Psychological Association* recomenda “Incluir nesta seção apenas a informação essencial para a compreensão e a replicação da pesquisa” (APA, 2001a, p. 18). O que significa, então, “*apenas informação essencial*”? Na psicologia e, especialmente em estudos experimentais quantitativos, traduz-se essa expressão em informar ao leitor sobre ‘com quem foi feito’ (*participantes*), ‘o que foi feito’ (*procedimento*) e ‘com que foi feito’ (*instrumentação*). A tradição experimental não enfatiza tempo e lugar e ainda supõe que o ‘porque’ foi tratado na introdução.

A regra básica quanto ao ‘essencial’ apontado acima quer dizer que a informação permita (a) a replicação do trabalho, (b) o acompanhamento e compreensão de todos os passos do estudo. Quanto à repetição, evidentemente, mesmo nas melhores circunstâncias e controles experimentais, não há como repetir exatamente um estudo. Entretanto, quanto mais se sabe sobre o método e as técnicas usados em um estudo, mais acurada será uma eventual réplica. Quanto mais detalhes conhecermos, menor será o erro decorrente de tempo, lugar e pesquisador diferentes entre um experimento e outro. No caso de estudos fora da situação laboratorial controlada, é mais difícil replicar uma pesquisa, razão pela qual se torna ainda mais imperativo descrever com detalhes o contexto do estudo. À medida que a tradição qualitativa argumenta que o estado subjetivo do pesquisador constitui dado importante para a coleta e a análise de dados, pode ser conveniente que o autor explicita sua perspectiva teórica/ideológica/científica (Günther, 2006).

Participantes. Advindo da tradição experimental da psicologia encontra-se, frequentemente, nesta parte do método o termo ‘sujeito’, termo adequado ao se relatar uma pesquisa experimental realizada em laboratório, seja com animais ou com seres humanos. Em pesquisas fora do laboratório, termos como *respondente*, *entrevistado* ou *participante* são mais adequados. Vale lembrar, neste contexto, que no que diz respeito à relação de poder entre pesquisador e pesquisado, o primeiro, no final das contas, encontra-se numa situação de dependência (Günther, 2008).

Existe, ainda, outro aspecto a considerar, quando tratamos dos participantes de uma pesquisa. Conceitualmente, o mesmo é a *unidade de análise* da pesquisa. Além de referir-se indivíduos (a condição típica da psicologia, que focaliza o indivíduo), a *unidade* também pode incluir grupos de indivíduos como casais, turmas de crianças de uma escola, blocos ou escolas de samba, moradores de um mesmo prédio etc. Assim, o que há de constar é uma descrição da *unidade de análise*, quanto às suas características (e.g., idade, nível de escolaridade, no caso de indivíduos), composição (e.g., número de crianças na turma, tempo de casamento por casal, no caso de grupos agregados), além de sua origem, isto é, como foram encontrados ou selecionados inicialmente.

Procedimento. Nesta parte, descreve-se a interação pesquisador × unidade de análise. Por exemplo: (1) se foram realizadas entrevistas com transeuntes na rua: como foram selecionados e abordados; (2) se foi conduzido um experimento com estudantes: a que tarefas foram submetidos

em cada condição e com que instruções; (3) se foi observado comportamento interativo entre cobrador e usuário de ônibus: como foi registrado o comportamento dos dois; se estavam cientes de que eram observados. Reiteramos o que comentamos anteriormente – quanto maior o detalhamento na descrição do procedimento, maior a possibilidade de compreender o que aconteceu. No caso de esta parte de um relato estar confusa ou demasiadamente abreviada, há de se suspeitar que o autor não sabia o que estava fazendo ou prefere ‘esconder’ o que de fato aconteceu.

Instrumentos. Além de descrever detalhadamente os procedimentos, cabe uma descrição acurada dos materiais utilizados na pesquisa: questionários, equipamentos de laboratório, ficha de observação. (1) no caso do uso de questionário ou ficha de observação, o instrumento é descrito nesta secção; entretanto, remete o leitor ao instrumento completo no anexo; (2) no caso do uso de escalas ou testes: informam-se aqui as qualidades psicométricas, maneiras da sua tradução (se for o caso) e outras informações que facultam ao leitor avaliar sua qualidade; *não* é suficiente simplesmente informar que foi utilizado o Teste X; (3) o caso do uso de equipamento de laboratório pode ser mais fácil, porque pode referir-se a equipamento estandardizado; entretanto, quando o pesquisador constrói seu equipamento ou adapta às suas necessidades específicas algum já existente, isto precisa ser relatado com pormenores.

Frequentemente, um instrumento foi inspirado em outro. Tal inspiração deve ser mencionada. Obviamente, ao se copiar a maneira de frasear perguntas sobre idade, gênero, nível educacional, não há necessidade de citar a fonte (a menos que o objetivo do trabalho seja a comparação de duas maneiras de perguntar uma mesma coisa, sugerido por dois autores distintos). Entretanto, quando se desenvolve uma nova escala, há de se informar de onde vêm os itens desta escala – da cabeça do autor, de um grupo focal, inspirado pelo trabalho / escala anterior, de quem?

Outros Elementos da Seção de Método. Outros elementos desta seção podem incluir informações sobre (a) o *contexto da pesquisa*, temporal e/ou espacial, especialmente em se tratando de estudos de caso, (b) uma descrição da *população* geral da qual se tirou uma amostra e para a qual se pretende generalizar os resultados, (c) o *delineamento*, no caso de pesquisas experimentais ou quase-experimentais ou (d) técnicas de análise de dados, caso não sejam ‘habitualmente’ utilizadas na área.

Resultados

Antes de tudo, há que se enfatizar a diferença entre *resultados* e *discussão* dos resultados. Assim como jornalismo responsável não se deve misturar notícia e editorial, os achados de uma pesquisa devem ser apresentados inicialmente no contexto dos resultados. Somente num subsequente passo é que se discute os resultados frente à literatura. Vale observar que a seção resultados é parte mais ‘seca’ de um relato de pesquisa; adjetivos e qualificações devem ser evitados ao máximo.

Caso não tenha sido apresentado na seção do método, começa-se com a descrição dos participantes da pesquisa. Depende do tipo de pesquisa. Faz-se em geral no caso de levantamentos (*survey*). A própria composição da amostra obtida é parte dos resultados alcançados.

Dica 1 – Organização dos resultados. Quanto à apresentação dos achados, relembramos a definição de pesquisa como sendo um exercício para organizar dados e idéias. Se as perguntas e/ou hipóteses da pesquisa forem claramente enunciadas no final de secção introdução, a

organização da apresentação dos achados será fácil: segue-se a organização das perguntas/hipóteses, respondendo-as uma a uma. Não perca tempo com dados que não respondem às perguntas / hipóteses elencadas no fim da introdução.

Dica 2 – Figuras, Tabelas e Estatísticas. Antes de tudo, *parcimônia*. O que consta numa tabela, não deve ser repetida numa figura ou vice-versa. Por exemplo, a informação sobre a distribuição percentual de tipos de sinistros envolvendo diferentes veículos, apresentada na forma de uma tabela, não deve ser repetida na forma de uma figura. Tampouco será necessário pormenorizar tal informação.

Quanto a exemplos de tabelas ou figuras, as possibilidades são muito grandes. Nicol e Pexman (1999; 2003) publicaram guias detalhando como preparar tabelas (1999) e como criar figuras (2003). Em caso de dúvidas, deve-se consultar e seguir as recomendações da revista na qual se pretende publicar.

No caso de responder a perguntas com dados estatísticos, deve-se começar com dados descritivos e, só depois, os dados inferenciais. Nas respostas a cada hipótese/pergunta, sugere-se fornecer estas informações (Wilkenson et al., 1999; veja também APA 2001a, pp. 20-26; APA 2001b, pp. 41-44): (1) qual a estatística descritiva utilizada; (2) sumário da(s) estatística(s) descritiva(s) para condições diversas, em tabela ou figura; (3) qual a estatística inferencial utilizada e porque; (4) qual o resultado da estatística inferencial (precisa-se *verbalizar* o resultado); (5) que conclusão se tira do resultado (sem interpretá-lo, já que a interpretação virá na discussão).

Discussão

Convém repetir três afirmações anteriores: (1) a seção de resultados e a seção de discussão são *distintas*, portanto devem ser mantidas e apresentadas de maneira *separada*; (2) é na seção da discussão que os resultados apresentados na seção anterior são considerados à luz da literatura revisada; (3) no espírito de que ‘a pesquisa é um exercício para organizar dados e idéias,’ a seção da discussão pode ser estruturada como a da revisão da literatura, ou na mesma ordem das perguntas/hipóteses.

Apreciar, comentar, discutir os resultados sob a ótica da literatura, pode significar algo, simples como constatar que os achados do trabalho reforçam dados apresentados em outras ocasiões. Ou pode ser algo complicado para explicitar, porque os achados contradizem o que se esperaria na base da literatura. Talvez seja algo tão desagradável quanto justificar um estudo ‘que não deu certo’. Considerando que é na seção de discussão que os achados e a experiência do estudo acrescentam-se ao conhecimento científico, não existe, estritamente falando, um estudo que não deu certo’. Resultados inesperados ou que contradigam teorias podem ser até mais importantes do que aqueles que, de uma forma ou outra, confirmam o esperado. Isso não significa que todas as audiências têm interesse igual por resultados estatisticamente não significativos e por relatos de erros metodológicos na realização de um estudo.

Conclusão

Em relatos de pesquisas de laboratório ou estudos com teor mais básico, a discussão conclui o trabalho. Cabe apresentar as conclusões no último parágrafo da discussão. Em pesquisas de teor mais aplicado, que relacionam os achados com a realidade fora dos laboratórios, ou nos estudos de avaliação, pode ser significativo escrever uma seção especial com conclusões. Nela se apontam as implicações práticas dos resultados. O que distingue a discussão da conclusão são a

ênfase e o nexa na teoria *versus* na aplicação. Nos demais aspectos, aplica-se o que se disse da discussão.

Referências

Existem duas razões básicas para fornecer referências: (1) dar crédito a quem concebeu a idéia citada pelo autor – uma questão fundamental da ética de pesquisa e (2) permitir que o leitor possa, caso assim deseje, encontrar a obra citada. Estas duas razões independem do número considerável de estilos para preparar citações no texto e referências no final do mesmo. Na psicologia, as normas sistematizadas pela APA são as mais utilizadas, portanto, não se tem razão para reinventar a roda. Além de consultar o manual da APA, verifique e *siga* as instruções da revista na qual pretende publicar o seu relato de pesquisa.

Chamamos especial atenção ao aviso aos autores na quarta edição do *Publication Manual*, quanto à elaboração de uma lista de referências (APA, 2001b, p. 176):

“Os autores são responsáveis por todas as informações em uma referência.

Referências elaboradas corretamente contribuem para estabelecer sua credibilidade, como pesquisador cuidadoso. Uma referência incorreta ou incompleta ‘irá permanecer impressa como um incômodo para os futuros pesquisadores e um monumento à negligência do autor’ (Bruner, 1942, p. 69)”.

Não há mais nada a acrescentar.

Dica. Este aviso de Bruner suscita importante dica: A qualidade de citações é o aspecto mais facilmente verificável pelo leitor. Assim, contribui não somente para estabelecer a credibilidade do autor / pesquisador, mas, conseqüentemente, a credibilidade do trabalho. Por exemplo, copiar referências de fontes secundários ao invés de ter consultado a obra *original* pode ter como resultado, referências com erro de grafia dos nomes dos autores (tal como cometido pelo autor da obra de onde foi copiada a referência) ou formatação APA ao invés de ABNT. Erros desta natureza não somente são detectados facilmente por leitores experientes, mas constituem um indício de que o autor não viu a obra original, não mostrou cuidado suficiente, nem nas referências, nem, quiçá, no restante do seu próprio trabalho! Dá para acreditar nos resultados e nas conclusões de um trabalho desta natureza?

Nota de Rodapé

Grafton afirma que “no século 18 a nota de rodapé histórica constituiu alta forma de literatura” (1997, p. 1). Isso contrasta com o aviso taxativo: ‘se o material é relevante, inclua no texto; se não, para que colocar numa nota de rodapé?’ Sem dúvida, o uso apropriado da nota de rodapé varia de área para subárea. Fique apenas com a reflexão: o material que se pretende apresentar na nota de rodapé não compete ao texto, sem comprometer o fluxo? Se for extenso, não cabe num anexo?

Anexo

Nos anexos devem constar informações relevantes, porém cuja inclusão no corpo do texto atrapalharia o fluxo. Exemplos de material a ser anexado: cópia do questionário, texto exato de instruções e resultados detalhados de análises estatísticas.

Algumas Considerações Finais sobre a Formatação de Textos Científicos

Antes de tudo há de se observar que existem inúmeras orientações quanto à formatação de textos científicos. Publicações tais como o manual de publicação da APA (2010) ou as normas da ABNT (vide, por exemplo, Silva 2012; Swerts, 2014) oferecem

orientações de como organizar e formatar este tipo de trabalhos. Embora a grande maioria das revistas da área das ciências humanas e sociais se valham das normas da APA, há de se consultar a revista para a qual se queira enviar um trabalho, ou observar as normas existentes num determinado programa, curso ou disciplina, já que mesma uma revista que avisa que segue, por exemplo, as normas da APA, ainda pode apontar algumas pequenas variações.

Considerando as possíveis formatações, deve-se seguir uma regra básica, *antes escrever, depois formatar*. Em outras palavras, preocupações com espaçamento, alinhamento do texto, apresentação das referências, eventuais “embelezamentos” como tamanho e tipo de fontes, podem até atrapalhar o fluxo de colocar as idéias no papel. Por outro lado, tendo um modelo de um texto pode ajudar na organização e formatação. Tanto o manual da APA, quanto os da ABNT incluem modelos completos para textos científicos.

Diante da variabilidade na formatação e apresentação de referências e citações, seja entre APA e ABNT, seja entre revistas, não apresentamos exemplos neste capítulo. Vale observar que neste texto seguimos as regras da APA (2010) [a menos o que diz respeito ao espaço duplo]. Como sempre, vale a regra básica: informa-se quanto as regras da publicação para a qual pretende enviar o seu texto.

Referências

- American Psychological Association. (2001a). *Publication manual of the American Psychological Association* (5th ed.). Washington, DC: Autor.
- American Psychological Association. (2001b). *Manual de publicação da American Psychological Association* (4th ed.). Porto Alegre, RS: Artmed.
- American Psychological Association. (2010). *Publication manual of the American Psychological Association* (6th ed.). Washington, DC: Autor.
- Bruner, K. F. (1942). Of psychological writing: Being some valedictory remarks on style. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 37, 52-70.
- Cordeiro, A. M., Oliveira, G. M., Rentería, J. M., Guimarães, C. A., & Grupo de Estudos de Revisão Sistemática do Rio de Janeiro (2007). Revisão sistemática: uma revisão narrativa. *Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões*, 34(6). [periódico na Internet, www.scielo.br/pdf/rcbc/v34n6/11.pdf].
- Grafton, A. (1997). *The footnote: A curious history*. Cambridge, MA: Harvard U Press.
- Günther, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22, 201-210.
- Günther, H. (2008). Como elaborar um questionário. In J. Q. Pinheiro e J. Günther (Orgs.), *Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente* (pp. 105-147). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Günther, H., & Damásio, M. F. (aceito). Nível de significância. In C. Faiad, L. Pasquali e M. C. Ferreira (Orgs.), *Metodologias quantitativas de pesquisas científicas*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Kish, L. (1987). *Statistical design for research*. New York: Wiley.
- Nicol, A. A. M., & Pexman, P. M. (1999). *Presenting your findings: A practical guide for creating tables*. Washington, DC: American Psychological Association.

- Nicol, A. A. M., & Pexman, P. M. (2003). *Displaying your findings: A practical guide for creating figures, posters, and presentations*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Silva, G. M. (2012). *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*, 1ª edição. Belo Horizonte, MG: FAMIG – Faculdade Minas Gerais. [disponível na Internet: www.famig.edu.br/documentos/Manual%20ABNT%20Famig.pdf]
- Swerts, M. S. O. (org.). (2014). *Manual para elaboração de trabalhos científicos*. Alfenas: Unifenas. [disponível na Internet: www.unifenas.br/pesquisa/manualmetodologia/normasdepublicacoes.pdf].
- VandenBos, G. R. (Ed.). (2007). *APA Dictionary of Psychology*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Wilkenson, L. & Task Force on Statistical Inference. (1999). Statistical methods in psychology journals. *American Psychologist*, 54, 594-604.

Apêndice 1: [Auto-]Avaliação de um Relato ou Projeto de Pesquisa

Lembrete:

Parece que nunca há condições para fazer as coisas direito, mas sempre para refazê-las.

Apresentamos perguntas que permitem uma análise formal da qualidade de um relato ou projeto de pesquisa. Igualmente, este conjunto de perguntas (ou parte apropriada dele) pode ser utilizado para analisar crítica ou autocriticamente trabalhos empíricos: dissertação ou tese, projetos de pesquisa, artigos para publicação ou para apresentações.

Dissertação / tese / projeto de qualificação. No caso específico de preparar uma dissertação/tese/projeto, lembre-se que não há versão final do trabalho antes da defesa, apenas um ‘último rascunho’ (UR). Significa que, embora o UR deva parecer suficientemente completo, mesmo com todo cuidado existem poucos trabalhos que não sofrem modificações na defesa. À medida que o UR é preparado com o esmero de uma versão final, só algumas folhas precisam ser corrigidas e/ou redigitadas. Ficam sugeridos os seguintes passos ao se concluir uma dissertação, tese ou projeto de qualificação:

1. antes de entregar o UR ao orientador, o autor do trabalho deve realizar uma análise crítica do estudo, respondendo – mais uma vez (!) – às perguntas apresentadas a seguir;
2. caso o autor tenha dificuldades para responder de maneira adequada às perguntas, decerto o trabalho ainda não é o UR;
3. quando o autor estiver satisfeito, recomenda-se que procure um colega, que lhe faça uma crítica;
4. passado pelas críticas do autor e do colega, passa-se o UR ao orientador;
5. embora o orientador tenha acompanhado mais de perto o processo de escrever o trabalho, provavelmente lerá o UR, mais uma vez, sob aspectos formais e do conteúdo;
6. somente quando orientador e autor estão satisfeitos com a forma e o conteúdo do UR, o mesmo dever ser distribuído à banca – *com tempo hábil* – para que os membros façam sugestões antes da defesa, caso necessário.

1. *Definição do Problema*
 - a. A definição do problema é clara e completa?
 - b. O problema é relevante?
 - c. O problema está adequadamente delimitado?
 - d. Quais as principais insuficiências na descrição do problema?
2. *Definição dos Objetivos da Pesquisa*
 - a. O objetivo geral e os objetivos específicos estão inequivocamente apresentados como "perguntas a responder ou hipóteses a testar"?
 - b. Os objetivos da pesquisa se mantêm do projeto inicial até à conclusão do trabalho?
 - c. Os objetivos estão relacionados ao problema definido?
3. *Referencial Teórico*
 - a. Pode-se bem apreender o arcabouço conceitual do autor?
 - b. As premissas foram explicitamente descritas?
 - c. Os conceitos-chaves estão claramente definidos?
 - d. O referencial teórico relaciona-se ao problema e aos objetivos definidos?
4. *Revisão da Literatura*
 - a. O estudo abrange a literatura relacionada ao assunto?
 - b. A literatura pertinente foi sumarizada e avaliada?
 - c. A relação entre literatura revisada e a presente pesquisa está clara?
 - d. As citações e as referências bibliográficas estão adequadas, corretas?
5. *Se o Estudo pretende testar Hipóteses, elas:*
 - a. estão bem formuladas e enunciadas?
 - b. emergem da definição do problema empírico e dos objetivos e/ou do arcabouço conceitual adotado?
 - c. contêm conceitos que não foram definidos ou clarificados?
 - d. testam relações superficiais, evidentes ou que contradizem fatos conhecidos?
6. *Método*
 - a. As técnicas e os métodos usados – ou a serem usados – na coleta e na análise dos dados estão adequadamente descritos, permitindo que outros os possam replicar?
 - b. As técnicas de amostragem utilizadas estão claras e apropriadas às finalidades do estudo? Do ponto de vista da amostragem, os resultados podem ser generalizados para a população?
 - c. Existem vieses na amostragem, por exemplo, voluntários, alto índice de recusa de participação, população institucionalizada ou atípica em termos de características regionais?
 - d. Os instrumentos de coletas de dados (questionários, entrevistas, etc.) estão bem descritos e/ou anexados? São confiáveis (fidedignos) e válidos? Os meios de medição estão subjetivos ou objetivos?
 - e. O estudo descreve com precisão os procedimentos estatísticos utilizados na análise dos dados?

- f. Os métodos estão apropriados e suficientes para alcançar as finalidades do estudo?

7. *Resultados e Discussão*

O autor apresenta resultados e discussão/conclusão em capítulos distintos?

8. *Resultados*

- a. Cada parte dos resultados têm sua parte correspondente na lista das perguntas / hipóteses elencadas ao final da introdução?
- b. O estudo analisa todos os dados coletados? Se não analisa, justifica a omissão?
- c. A parte descritiva (i.é, resultados) limita-se aos resultados? ou é digressiva, inclui especulações a constarem da discussão?
- d. Outras hipóteses viáveis, que explicariam os resultados, estão explícitas?
- e. O limite da generalização dos dados está bem indicado?
- f. O autor reconhece explicitamente que "não conseguiu rejeitar a hipótese nula"? (se for o caso).
- g. Os objetivos de pesquisa foram alcançados?
- h. Os resultados podem ser considerados passíveis de verificação e/ou falsificação?
- i. Os resultados constituem um avanço para futuras pesquisas?
- j. Os resultados relacionados a objetivos, hipóteses (se houver) e métodos estão descritos?

9. *Discussão / Conclusão*

- a. A interpretação é acurada e completa?
- b. As conclusões estão estritamente fundadas na evidência apresentada pela análise?
- c. As conclusões mais importantes do estudo estão sumarizadas?
- d. As interpretações relacionam-se ao problema definido, ao referencial teórico e à literatura apresentada?

10. *Organização e Apresentação*

- a. O estudo é conciso, correto e claro quanto à linguagem?
- b. O estudo satisfaz aos padrões formais de organização?
- c. Figuras, tabelas e anexos estão bem identificados, bem descritos?
- d. As fontes estão inequivocamente indicadas?
- e. O estudo contém citações literais longas (de mais de meia página) ou paráfrases que se aproximam de um plágio?
- f. A transição de uma seção a outra, ou de um capítulo a outro foi cuidadosa?
- g. O resumo (e suas versões em outras línguas) descrevem sinteticamente o problema investigado e as conclusões e as recomendações decorrentes da pesquisa?
- h. Citações e referências estão padronizadas (por exemplo, APA, ABNT) e vinculadas ao assunto? Faltam citações relevantes e importantes? O autor cita estudos de resultados em desacordo com a hipótese do trabalho?